

UM BELO PROGRAMA

Roberto Rodrigues *

Não é segredo para ninguém que o setor sucro-energético sofreu enormes perdas desde a crise financeira global de 2008/10, quando dezenas de unidades industriais fecharam as portas. Ainda hoje mais de 70 estão em recuperação judicial. Depois deste problema veio o governo Dilma Rousseff que acabou de liquidar com um dos setores mais florescentes do agronegócio brasileiro, invejado por muitos países pela rota alternativa de biocombustíveis depois dos choques de petróleo dos anos 70 do século passado.

Este desastre teve consequências graves, além da quebra de empresas e respectivo desemprego no campo, nas usinas e nas fabricantes de equipamentos para o setor. O Brasil, líder absoluto no mercado de biocombustíveis até àquela época, foi passado para trás pelos Estados Unidos: no ano passado, os norte-americanos produziram 58,2 bilhões de litros enquanto nós ficamos marcando passo em 27,3 bilhões, menos da metade. Sempre é bom lembrar que mesmo no biodiesel, programa aqui lançado em 2005, produzimos em 2016 cerca de 3,8 bilhões de litros, e os Estados Unidos já chegaram a 5,9 bilhões.

Apesar disso, temos no Brasil a matriz de combustíveis mais limpa do mundo. O etanol hidratado representa 13% da nossa matriz, enquanto o anidro equivale a 10,4%. Somando o biodiesel, os biocombustíveis já são 26,8% do consumo de combustíveis.

Com o objetivo de recuperar a cadeia produtiva de biocombustíveis, o governo federal lançou o RenovaBio, programa fruto de ampla discussão entre governo e o setor privado. O programa nasceu por causa do compromisso assumido pelo nosso país junto à COP-21, de reduzir as emissões de Gases de Efeito Estufa em 43% (tomando como base o que emitíamos em 2005) até o ano de 2030.

Trata-se de um desafio e tanto, num país onde o planejamento estratégico não é um forte. Para atingir esta meta, entre outros temas a serem desenvolvidos em diferentes segmentos econômicos, será necessário aumentar a participação dos biocombustíveis na matriz energética, bem como as fontes renováveis como a biomassa (em que o bagaço e a palha da cana representam atualmente 90%), a energia solar e a eólica.

O RenovaBio está organizado para garantir previsibilidade ao setor produtivo, porque só assim haverá confiança em novos investimentos. Que não serão poucos: para atender aos compromissos, teremos que passar da atual produção de quase 28 bilhões de litros de etanol para 43 bilhões até 2030. Já no caso do biodiesel, o salto será dos atuais 3,8 bilhões para 18 bilhões de litros no mesmo período.

Por isso a previsibilidade é essencial, bem como o planejamento. Afinal, as estimativas de investimentos para cumprir as responsabilidades assumidas superam os 40 bilhões de dólares. Mas são tantos os benefícios alcançáveis que o programa vale a pena, até porque só será implementado com a incorporação de inovações técnicas em todos os elos da cadeia, desde a agricultura, passando pela

indústria, pela distribuição e pela melhora dos motores, que viabilizem a competitividade duradoura da atividade.

Será possível gerar 750 mil empregos diretos e indiretos, reduzindo fortemente os gastos com saúde pública (graças à redução de emissões de GEE), economizar 45 bilhões de dólares com a eliminação da importação de 95 bilhões de litros de gasolina no período, e, principalmente, interiorizar o desenvolvimento para reduzir em mais de 570 milhões de toneladas as emissões de GEE.

Um belo programa, muito bem estruturado, que tem tudo para dar certo. Só falta ser implementado pelo governo federal. Aguardemos.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio.**